



A presença da metrópole na lírica de Donizete Galvão.

Arlete de Falco¹ (PQ) – arletedefalco@gmail.com

¹ UEG – Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Itumbiara

Resumo: Neste trabalho discute-se a poesia de Donizete Galvão, poeta mineiro contemporâneo. A hipótese que sustenta o trabalho é que o eu lírico de Galvão se mostra deslocado no mundo contemporâneo, representado, sobretudo, pela metrópole, que assume em sua poesia o papel de elemento catalisador, desencadeador dos sentimentos de desencanto e melancolia, presentes em sua obra. Uma vez constatada a viabilidade da hipótese por meio de bibliografia especializada, elegeu-se como objetivo principal compreender como se dá a relação entre a cidade e o sentimento de melancolia presente em sua obra. Visando alcançar esse objetivo, elegemos objetivos específicos, dos quais se destacam: i) empreender a discussão da presença da metrópole na poesia de Galvão, analisando a maneira como o eu lírico se manifesta em relação a esse espaço; ii) examinar o tom melancólico que perpassa os poemas selecionados e iii) discutir recursos de composição empregados pelo poeta. Observou-se que o homem que emerge desse espaço metropolitano é assinalado por um tom de melancolia, ao mesmo tempo que recebe o olhar solidário do eu lírico. Dando forma a esse material, o poeta se serve de um léxico singular, recuperado de seu espaço mineiro de origem.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Poesia contemporânea. Donizete Galvão. Cidade. Melancolia.

Introdução

Na poesia ocidental contemporânea percebe-se uma presença cada vez mais acentuada da cidade, que assume, não poucas vezes, o papel de elemento desencadeador de sentimentos variados a atormentarem o homem que a habita. Inúmeros poetas contemporâneos a trouxeram para o centro de suas reflexões, como ocorreu, por exemplo, com Baudelaire, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, para só mencionar três grandes nomes da lírica ocidental.

Neste trabalho, cujo tema é a cidade na lírica contemporânea, volta-se o olhar para a poesia de Donizete Galvão, poeta mineiro que faz da capital paulista um dos elementos centrais de sua lírica. Donizete Galvão nasceu em 1955, na cidade de Borda da Mata, sul de Minas Gerais. Ali cursou administração de empresas e, já em São Paulo, fez Jornalismo. Foi na capital paulista que Galvão estreou como poeta, em





1988, com a obra *Azul Navalha* e foi também nessa cidade que faleceu, em 2014, deixando um número considerável de obras publicadas.

A lírica de Galvão se destaca por trazer em sua carne alguns aspectos bem singulares, o que se percebe já a partir dos títulos escolhidos para seus livros, como se vê em sua obra inaugural, *Azul Navalha*, em que o termo ‘azul’, carregado de positividade, é cerceado por ‘navalha’, que sai de sua condição substantiva, para assumir a condição adjetiva e levar um teor negativo ao primeiro elemento, como assinala Antonio Carlos Secchin (2018), no posfácio que apresentou à obra *O antipássaro*. O crítico chama a atenção também para o caráter marcadamente substantivo dessa poesia. Trata-se de uma poesia concisa, construída com uma “austera economia de meios”, na avaliação de Ivan Junqueira (1996), que aponta o fato de o verbo de Donizete Galvão nunca se derramar.

Outro aspecto que acentua a singularidade da poética de Galvão decorre do léxico que a expressa. O poeta elegeu como matriz de sua poesia o cenário de sua infância, em Minas Gerais (RABELLO, 2003), o que se percebe desde sua estreia na literatura, quando temas desse espaço compõem sua obra. Isso leva o poeta a um trabalho intenso para assegurar a presença dessas imagens, que lhe são caras. Em termos de expressão, esse é um dos aspectos que mais se destacam em Donizete Galvão, aproximando-o, ainda que sutilmente, de Augusto dos Anjos, pela crueza de certos itens linguísticos empregados. Elementos do universo da infância do poeta, em Minas Gerais, ressurgem nos seus poemas, que se erguem por entre bernes, bosta de vaca, cheiros de curral e de roseiras em flor, muito embora nessa poesia também compareçam artefatos da vida urbana moderna, como caçambas, guas, cones e guindastes. Pode-se dizer que se trata de uma poesia tecida do embate entre o cenário de sua infância e a vida na metrópole. No entremeio desses dois lados está o homem, com seu “caos individual”, habitando uma “terra inóspita, onde o homem faz a diferença, onde a dor de um será unicamente a própria dor e não o emblema vazio de uma dor geral explorada pela mídia”, conforme aponta o crítico Floriano Martins (1996).

A leitura da obra de Galvão sugere que esse caos individual advém-lhe do contato com a metrópole, que se lhe afigura como um lugar inóspito, assim como lhe





é inóspito o próprio mundo contemporâneo. Emerge nessa lírica um homem cindido, dilacerado, atravessado por um sentimento de inadequação e de desencanto. Face a esse contexto, elencou-se como objetivo principal neste trabalho compreender como se dá a relação entre a cidade e o sentimento de melancolia presente em sua obra. Especificamente, procura-se: i) empreender a discussão acerca da presença da metrópole na poesia de Galvão, analisando a maneira como o eu lírico se manifesta em relação a esse espaço; ii) examinar o tom melancólico que perpassa os poemas selecionados e, iii) discutir recursos de composição empregados pelo poeta.

Busca-se atingir esses objetivos por meio de uma abordagem analítico-interpretativista.

Material e Métodos

Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, de natureza interpretativista, no qual selecionamos um poema para análise e interpretação. Diante do tema que se nos impôs, traçamos objetivos, cuja busca e alcance exigiu um diálogo permanente com estudiosos das áreas que perpassam ou tangenciam o assunto abordado. Assim, esses estudiosos serão convocados ao longo do trabalho, sempre que o diálogo se fizer necessário para consolidar a análise interpretativa.

Resultados e Discussão

A poética de Donizete Galvão destaca-se por algumas constantes. Pessimismo, desencanto e, muitas vezes, um acentuado tom melancólico despontam na poesia desse mineiro, e lhe imprimem marca singular. Na concepção de Audrey C. Mattos (2016), essa poesia emerge do conflito instaurado entre a metrópole, seu lugar de vivência, e o espaço mítico de sua infância que persegue o sujeito lírico, num remoer de um tempo e de um espaço que nele permanecem. Ampliando essa reflexão, defendemos que esse sujeito se sente deslocado no mundo contemporâneo, representado, sobretudo, pela metrópole, que assume em sua poesia o papel de elemento catalisador, desencadeador de sentimentos de desencanto e melancolia.





Utilizando-se na maioria das vezes de poemas curtos, Galvão traz a cidade de São Paulo para o centro de sua lírica, como se vê em

DOMINGO PAULISTANO

Uma pombinha encardida pousa na calçada.
O casal de namorados deixa a lanchonete.
Cheiro de hambúrguer no ar.
Daqui a pouco estarão acesas as luzes da cidade.
Imenso cartão postal da nossa solidão.
(*Azul Navalha*, 1988, p. 22).

Esse poema foi publicado na obra de estreia de Galvão. Trata-se de um pequeno poema formado por cinco versos, com ausência de rimas, como é usual na lírica desse mineiro. Fazendo a leitura em voz alta, o leitor perceberá, todavia, que há uma harmonia na cadência desses versos. Essa harmonia advém, em primeiro lugar, da composição dos versos em relação ao número de sílabas poéticas: os dois primeiros apresentam-se com treze sílabas, seguidos por uma redondilha maior. O verso seguinte se espraia em quinze sílabas, para retornar ao equilíbrio das treze sílabas poéticas do último verso. Além desse equilíbrio com relação à métrica, o poema apresenta-se igualmente harmônico com relação ao ritmo, com os versos apresentando-se com uma distribuição equilibrada entre sílabas tônicas e átonas. Os três versos que têm o mesmo número de sílabas poéticas evidenciam uma cesura nítida: nos dois primeiros versos, ela se dá na oitava sílaba poética, enquanto no quinto verso, que também tem treze sílabas poéticas, essa cesura se dá na sétima sílaba poética, alteração que se justifica pela disposição das sílabas tônicas nesse verso.

O poeta apresenta ao leitor, nessa estrofe única, uma imagem compacta de São Paulo ao entardecer. A beleza e a singularidade da cena decorrem da maneira como isso é feito. O poeta recorta pequenos *flashes* do espaço que observa e, como se estivesse com uma câmera na mão, apresenta esses recortes ao leitor, numa atitude que se aproxima da técnica cubista.

O verso final do poema - “Imenso cartão postal de nossa solidão” – que sintetiza o efeito das pequenas imagens que ele recorta, mantém uma relação muito próxima com “Sentimento de um ocidental”, do poeta português Cesário Verde. No poema mencionado, o eu lírico verdiano fecha a sua primeira estrofe afirmando que todos





aqueles elementos arrolados nos versos anteriores - os quais, assim como os de Galvão, descrevem uma cidade moderna ao entardecer - despertam nele “um desejo absurdo de sofrer” (2006, p.131).

Em “Domingo paulistano”, como em outros poemas de *Azul Navalha*, percebe-se uma característica que se tornará marcante no conjunto da obra do autor, que é a de flagrar momentos líricos em um mundo árido (RABELLO, 2003), e é justamente nos poemas em que isso ocorre que sua tentativa resulta fecunda, uma vez que, na obra inaugural, muitos poemas ainda mostram uma feição inacabada. A angústia do estrangeiro, que, como um exilado, capta com sua câmera recortes de um entardecer de domingo, emerge de seus versos, os quais constituem, cada um deles, imagens individuais (PAZ, 2015), que oscilam entre o visual e o olfativo. O leitor recebe o impacto do conjunto dessas imagens, permeadas por um tom nostálgico.

Há uma relação entre a cidade contemplada e o sentimento melancólico daquele que a contempla. No ensaio *Luto e melancolia*, Freud (2006) pondera que tanto o luto como a melancolia se referem a perdas, mas aquela que instaura o luto é mais facilmente superável que o sentimento de melancolia, que geralmente é desencadeado por uma perda num plano mais abstrato. Embora seja recorrente a associação do estado do sujeito lírico na metrópole paulista com o de um exilado, defendemos que essa ideia de exílio deve ser vista com cautela, haja vista ser uma relação um tanto dialética.

É certo que a poesia de Donizete Galvão é atravessada por um sentimento melancólico. Isso não nos autoriza, porém, a afirmar que esse sentimento seja decorrente apenas de sua estada na cidade, mas de um sentimento de inadequação que caracteriza o sujeito, já que esse mesmo sentimento se manifesta também quando ele se encontra em outro espaço, mesmo aquele de sua infância, tomado como matriz em termos linguísticos. Por outro lado, em momentos de intimidade, de fusão com a natureza, esse sentimento melancólico não se manifesta, o que vai contra a ideia de que a melancolia seja um elemento constitutivo de seu ser. O que se pode afirmar, nesse contexto, é que a metrópole, representativa do mundo moderno e suas contradições, configura-se como um elemento intensificador do sentimento de inadequação que caracteriza esse sujeito.





Embora comungue o pensamento freudiano, Paul Ricouer (2007) aponta na melancolia uma nuance de insatisfação, de prolongamento, que não se identifica no luto. Para Ricouer, há no melancólico uma diminuição do sentimento de si, e uma frequência de queixas que fazem com que a melancolia seja um sentimento negativo, o que não ocorre com o luto. A distinção feita por esse pensador pode ser compreendida se tomarmos os traços distintivos entre os dois sentimentos. O luto, decorrente de uma perda, caracteriza-se como algo ocasional, que o transcorrer do tempo ajudará a solucionar. Já com relação à melancolia, o que Ricouer (2007) aponta como um sentimento de diminuição de si talvez se explique pelo fato de ela não ser decorrente de algo pontual, como ocorre com o luto, mas de algo abstrato; daí seu prolongamento, que oscila entre insatisfação e sentimento de inadequação.

A melancolia que comparece nos poemas de Donizete Galvão tem uma aura de dolência, de uma suave e doce tristeza, a sugerir ao leitor uma inexorabilidade que paira sobre o ser humano, o que vem sugerido no verso final de “Domingo paulistano”, onde o eu lírico apresenta ao leitor o “imenso cartão postal de nossa solidão”.

Zygmunt Bauman (2009), numa conferência intitulada “Viver com estrangeiros”, publicada no livro *Confiança e medo na cidade*, aborda a questão da convivência entre as pessoas na cidade. Defende o sociólogo que viver na cidade significa viver junto a estrangeiros; a percepção de si e do outro como estrangeiros reafirma diferenças e acentua fronteiras, ideia essa que comparece com frequência na obra de Donizete Galvão. Observe-se, no poema em discussão, o efeito obtido com o uso da primeira pessoa do plural, a irmanar eu lírico e leitor na mesma fatalidade.

Essas reflexões terminam por se oporem às palavras de Ricouer, uma vez que, se não se pode negar que se trata de um texto soturno, não se pode dizer, porém, que o eu lírico que nele comparece tenha uma diminuição do sentimento de si.

Bauman (2009), retomando Freud, pondera que os sofrimentos humanos, dentre eles o medo em si e também o medo de sofrer, derivam de três causas: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das normas que regem os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Contudo, o sofrimento cuja origem se situa no âmbito social é o mais complexo. De um modo geral, o homem tem dificuldade em compreender por





que os regulamentos e as regras criadas por ele mesmo não trazem benefícios ao próprio homem (BAUMAN, 2009, p. 15).

Se durante a vigência da modernidade sólida o que mais se temia era a “incapacidade de se conformar” (BAUMAN, 2009, p. 21), em tempos de modernidade líquida¹ o que mais assusta é o sentimento de inadequação em um mundo que passa a exigir do ser humano habilidades de que ele comumente não dispõe, um mundo em que nada é definitivo, em que “nada de eterno palpita no seu coração/tudo já nasce velho para ser refeito amanhã” (GALVÃO, 1988, p. 24). Noutras palavras, um mundo líquido, informe, que lhe escorre pelos dedos.

Considerações Finais

Nesta abordagem, procuramos trazer à luz alguns aspectos da poesia desse mineiro de Borda da Mata. Apesar da brevidade do trabalho, esperamos ter deixado claro a singularidade de sua poética, tanto pelas ideias que sua poesia veicula como pelo material linguístico que a enforma. Trata-se de uma lírica com assinatura única, em que a aparente simplicidade da forma, evidenciada sobretudo pelo material que compõem os versos, é apenas aparente: detendo um olhar mais acurado no poema e, sobretudo, visitando o conjunto de sua obra, o leitor se deparará com versos compostos por um léxico singular, resgatado, na maioria das vezes, do seu chão mineiro de origem, o qual se dará forma a imagens singulares. Objetivamos, sobretudo, pontuar algumas considerações a respeito da forma como a cidade de São Paulo comparece na lírica de Galvão. Como procuramos demonstrar, o eu lírico demonstra uma evidente inadequação a esse espaço, sentimento que lhe vai desencadear uma profunda melancolia.

É preciso, porém, ressaltar que se trata de uma postura do sujeito lírico, que não deve ser confundida nesse contexto, com a figura do poeta. Como homem do seu tempo, o poeta Donizete Galvão fez-se no chão da metrópole, que lhe disponibilizou

¹ O conceito de Modernidade Líquida foi introduzido por Zygmunt Bauman para designar o período que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial, em que as relações, tanto sociais como econômicas, passaram a ser fluidas, fugazes. O termo se opõe à Modernidade Sólida, que se refere ao momento anterior, quando a sociedade se estruturava sobre regras, relações e comportamentos firmes, duráveis.





meios de sedimentar sua trajetória como poeta, o que de resto é uma situação recorrente entre grandes nomes da lírica que registraram seu nome na história da literatura. Como um símbolo da modernidade, não se pode negar, porém, que a metrópole se constitui como espaço de contradições, recrudescidas pela sociedade capitalista. À sensibilidade do poeta não escapam todas essas contradições e as feridas que elas podem causar no homem, e ele as carrega para o interior de sua poesia, que dessa forma resulta marcada pelo sentimento de inadequação e melancolia de que tratamos.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual de Goiás a oportunidade de trazer à luz algumas reflexões sobre a lírica do poeta Donizete Galvão, objeto de minhas pesquisas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. **Obras psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro, 2006, v. 2.

GALVÃO, Donizete. **Azul Navalha**. São Paulo: TA Queiroz Editora, 1988.

JUNQUEIRA, Ivan. **Correspondência particular a Donizete Galvão**. 28 jun. 1996.

MARTINS, Floriano. A originalidade da pedra. **Poiésis Literatura**, Fortaleza, CE, n. 39, set. 1996.

MATTOS, Audrey Castañón de. **A Poética do Desencanto em Donizete Galvão**. 2016. Disponível em: <<https://ljournal.commons.gc.cuny.edu/mattos-v11-2016/>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

RABELLO, Ivone Daré. A matéria impura da poesia. In: GALVÃO, Donizete. **Mundo mudo**. São Paulo: Nankin, 2003.





RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SECCHIN, Antonio Carlos. À beira do poema. Posfácio. In: GALVÃO, Donizete. **O antipássaro**. Goiânia: Martelo, 2018.

VERDE, Cesário. O sentimento dum Ocidental. In: DAUNT, Ricardo (Org.). **Obra poética integral de Cesário Verde (1855 – 1886)**. São Paulo: Landy Editora, 2006.

